

## Artigo

# Carta Capital e Veja: as eleições por meio da semiótica

Vivian Santana Paixão<sup>1</sup>

## Resumo

Sob o ponto de vista da semiótica peirciana, o presente trabalho tem como intuito explicar as diferenças e semelhanças ideológicas entre as revistas Carta Capital e Veja nas eleições presidenciais de 2014 após a morte do candidato a presidente Eduardo Campos – edições de 20 de agosto de 2014. As obras de Peirce e Lúcia Santaella são a base da pesquisa.

## Palavras-chave

Eduardo Campos. Semiótica. Revistas. Carta Capital. Veja.

## Abstract

From Peirce's semiotic's point of view, this paper aims to explain the ideological differences and similarities between both magazines: Carta Capital and Veja during the presidential elections in 2014, after the death of a presidential candidate, Eduardo Campos, Edition August 20, 2014. The theoretical framework chosen for this research relies on the works of Peirce and Lucia Santaella.

## Keywords

Eduardo Campos. Semiotic. Magazines. Carta Capital. Veja.

## Resumen

Desde la perspectiva de la semiótica peirciana, el presente trabajo objetiva explicar las diferencias y similitudes ideológicas entre las revistas Carta Capital y Veja en las elecciones presidenciales de 2014, después de la muerte del candidato a la presidencia Eduardo Campos – ediciones de 20 de agosto de 2014. Las obras de Peirce y Lúcia Santaella van a ser los cimientos de esta investigación.

**Palabras clave** Eduardo Campos. Semiótica. Revistas. Carta Capital. Veja.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: vipaixao80@gmail.com

## Introdução

O artigo terá como tema uma análise semiótica, abordando as diferenças entre as reportagens das revistas Carta Capital e Veja nas eleições presidenciais de 2014 depois da morte do candidato Eduardo Campos. Este trágico acontecimento trouxe desdobramentos consideráveis para a disputa presidencial.

Segundo Santaella, “a semiótica é a ciência dos signos, ou seja, é a ciência geral de todas as linguagens” (SANTAELLA, 1983, p.7). É a produção de significados que estuda todos os fenômenos como se fossem sistemas sîgnicos, isto é, sistemas de significação.

Levando em conta essa base teórica, o objetivo será o de analisar semioticamente as duas revistas em questão: será feita a análise sob o seguinte aspecto: relação entre palavra e imagem. É o aspecto complementar que predomina nas relações entre imagens e palavras, quer dizer, as mensagens são organizadas de modo que o visual seja capaz de transmitir tanta informação quanto lhe é possível, cabendo ao verbal confirmar informações que já foram transmitidas visualmente e acrescentar informações específicas que o visual não é capaz de transmitir.

Há o pressuposto de que quando um sujeito fala impõe implícita ou explicitamente as suas intenções aos seus enunciados. “Segue - se que, por mais impessoal que possa ser uma informação, não se pode esquecer que é um sujeito quem informa e que tal informação é uma versão entre outras versões possíveis da realidade” (MOTTA, 2006, p.39).

Essa citação questiona a imparcialidade jornalística, pois seja intencional ou não, o jornalista, está passando as informações por meio de suas palavras e percepções, o que pode trazer perspectivas tendenciosas, pois não existe discurso totalmente isento de ideologia.

Com a análise semiótica é possível um entendimento mais detalhado e profundo do texto, buscando elementos implícitos nos enunciados. Busca-se um entendimento não só interno do texto, mas de seus componentes exteriores: político, histórico, social ou cultural; esses aspectos devem ser analisados para que se encontre o verdadeiro significado do texto.

Partindo do pressuposto de que os signos dão corpo ao pensamento, Peirce admite que qualquer manifestação presente à mente tem que ter a natureza sêmica para ali habitar, e, sendo assim, qualquer fenômeno percebido pelo homem (real ou não) poderá, e deverá ser, conseqüentemente, estudado pela Semiótica e pelas ciências que a sustentam tais mensagens estão inseridas em universos ainda maiores que lhes servem de pano de fundo para sua existência e expressão. (CUNHA, 2008, p.3)

## 1 Semiótica e o jornalismo de revistas

Em 2014, o Brasil reelegeu a presidente Dilma Rousseff que será responsável, por mais quatro anos, em conduzir sua política econômica. Durante a campanha eleitoral, os meios de comunicação informaram aos seus telespectadores o dia a dia dos candidatos e as propostas apresentadas pelos partidos. Cada meio lidou de uma forma diferente com as informações obtidas sobre esse acontecimento, tendo em vista o seu público e seus objetivos.

Tendo em vista o jornalismo de revista, este passa a ter um papel muito importante, pois esse tipo de publicação tem como proposta principal abordar o assunto e não o fato; trata-se de abordagens mais interpretativas que factuais.

É para isso que as revistas são feitas, para o leitor ler, interpretar e se aprofundar no assunto, coisa que no jornal é destacado de forma diferente, até pelo fato do jornal ser diário. A rotina dos candidatos à Presidência da República é amplamente divulgada pelos meios de comunicação diários: televisão, jornais impressos e internet. Assim, a abordagem da eleição pelos veículos em análise é pautada no pressuposto de que os leitores já tenham tomado conhecimento dos acontecimentos por outras fontes de

notícia. Visto que o objetivo das revistas não é informar ao leitor o que ocorreu no dia a dia dos presidenciáveis, mas sim apresentar os desdobramentos da disputa.

A partir dos signos que estão nas revistas, o leitor realiza associações com outros signos de acordo com a sua experiência intelectual. E é através das associações que as revistas passam a significar para o leitor, pois é a partir do que ocorre na sociedade que os signos produzem efeito de sentido.

A noção de signo está em constante movimento: signos e significados estão em trânsito pela sociedade onde são produzidos e entendidos. O signo não é neutro: seu significado vai além daquilo que ele "representa" e está ligado a diversas referências, ou seja, a produção dos signos não está separada da vida social.

Com a análise semiótica é possível um entendimento mais detalhado e profundo do texto, buscando elementos implícitos nos enunciados. Busca-se um entendimento não só interno do texto, mas de seus componentes exteriores: político, histórico, social ou cultural; esses aspectos devem ser analisados para que se encontre o verdadeiro significado do texto.

Para Lucia Santaella (2007, p.5), em todo processo de signo, ficam as marcas deixadas pela história e por influências externas. Por isso,

não há nada mais natural do que buscar nas definições e classificações abstratas de signos, os princípios-guias para um método de análise a ser aplicado a processos existentes de signos e às mensagens que eles transmitem.

O trabalho do jornalista está voltado a comunicar à sociedade sobre tudo o que acontece no mundo, passando a ser o mediador da realidade social, pois as notícias não são feitas pela população. O papel deste profissional é de extrema importância, porque está voltado para a população como forma de representação.

A semiótica é a ciência que se adequa como método de análise por dedicar-se a estudar a produção de sentido. Santaella (2007, p.5) afirma que a teoria semiótica permite adentrar, penetrar no movimento interno das mensagens “no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados”.

Para Peirce (2008, p.46), o signo é constituído por três elementos: o fundamento, o objeto e o interpretante. Ou seja, o signo como signo, o objeto como a coisa representada, e o interpretante como o sentido produzido na mente.

A compreensão da lógica triádica do signo leva entender a definição sêmica de Peirce, que inclui três teorias: a da significação, a da objetividade e da interpretação.

- Da relação do signo consigo mesmo, isto é, da natureza do seu fundamento, ou daquilo que dá capacidade para funcionar como tal, que pode ser sua qualidade, sua existência concreta ou seu caráter de lei, advém uma teoria das potencialidades e limites da significação.
- Da relação do fundamento com o objeto, ou seja, com aquilo que determina o signo e que é, ao mesmo tempo, aquilo que o signo representa e ao qual se aplica e que pode ser tomado em sentido genérico como o contexto do signo, extrai-se uma teoria da objetivação, que estuda todos os problemas relativos à denotação, à realidade e referência, ao documento e ficção, à mentira e decepção.
- Da relação do fundamento com o interpretante, deriva-se uma teoria da interpretação, com as implicações quanto aos seus efeitos sobre o intérprete, individual ou coletivo (SANTAELLA, 2007, p.10)

O processo acima está ligado com a base da semiótica, denominada fenomenologia, cuja função é apresentar as categorias dos modos como os fenômenos são apreendidos à mente. Peirce, como aponta Santaella (2007:7), conclui serem três os componentes constitutivos do fenômeno, a saber: primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeiridade, o “estado-quase”, o “quase-signo”, de acordo com a autora, está em tudo que estiver relacionado ao acaso, possibilidade, qualidade, sentimento,

originalidade, liberdade. A secundidade está ligada às ideias de dependência, determinação, dualidade, ação e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida, ainda na forma binária, sem as intencionalidades. A terceiridade, à generalidade, continuidade, crescimento, inteligência. Corresponde ao entendimento, à decodificação em signos, à interpretação do mundo.

Peirce distinguiu a variedade em três: ícone, índice e símbolo. O Ícone é um “signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios”. Já o índice é um “signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto”. Por fim, o símbolo, segundo é um “signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei”. O símbolo representa o objeto de forma arbitrária, convencionada (Peirce, 2008, p.52).

O que faz com que algo seja um signo está ligado à sua qualidade, ao simples fato de existir e ao caráter de lei. Peirce (2008, p.52) demarcou esta tricotomia em qualissigno, sinsigno e legissigno. Santaella (2007, p.12) definiu que “pela qualidade, tudo pode ser signo, pela existência, tudo é signo, e pela lei, tudo deve ser signo”.

Um qualissigno é, como demonstra Peirce (2008, p.52), “uma qualidade que é um signo”. A cor, por exemplo, é um qualissigno. O sinsigno, como conceitua o autor, e que tem no “sin” a ideia de “singular”, é uma coisa existente e real que é um signo. Já o legissigno, como diz o autor, é a lei estabelecida pelos homens, como o caso das palavras que são convencionadas.

O objeto determina o signo, que representa o objeto, causando um efeito interpretativo. Na abordagem acerca do interpretante, Santaella (2007, p.23) retoma a outra tricotomia de Peirce para tipificar o interpretante. São três níveis a serem percorridos para que o efeito de interpretação seja executado.

O primeiro é o interpretante imediato que “trata-se de um potencial interpretativo do signo, que dizer, de sua interpretabilidade ainda no nível abstrato”. O interpretante

dinâmico está no segundo nível e distingue pelo efeito, propriamente dito, que o signo incita no intérprete. Tais efeitos subdividem-se em emocional (qualidade de sentimento), energético (ação física ou mental) e lógico (regra interpretativa internalizada). O terceiro nível é o interpretante final, que “se refere ao resultado interpretativo a que todo intérprete estaria destinado a chegar se os interpretantes dinâmicos do signo fossem levados até o seu limite último” (SANTAELLA, 2007, p. 26).

Há três níveis de interpretante, no que refere ao interpretante final: rema, dicente e argumento. Santaella (2007:26) demonstra que um rema está atado ao signo de possibilidade qualitativa, como os ícones, não passando de hipóteses, conjecturas. No caso o dicente, ou dicissigno, ao contrário do rema, está no campo da existente real, ligado ao índice. Não pode ser caracterizado como ícone. Por fim, o argumento é um signo de lei, baseado nas ideias do legissigno simbólico.

- Ícone, qualissigno e rema: estão na primeiridade, que diz respeito ao sentimento rápido e passageiro.
- Índice, sinsigno e dicente: estão na secundidade, compreende o real e o concreto.
- Símbolo, legissigno e argumento: estão na terceiridade. É a percepção concreta do objeto, a racionalidade.

## 2 Carta Capital e Veja após o acidente de Eduardo Campos

Serão analisadas as reportagens das revistas Carta Capital e Veja que foram lançadas na semana após a queda do avião em que estava o candidato a presidente Eduardo Campos. É óbvio que as duas revistas sabiam que este acontecimento alteraria a disputa presidencial, logo o objetivo é mostrar, por meio da semiótica, como ambas lidaram com essa repentina mudança no cenário eleitoral. Pensando nisso, Santaella e Nöth (1999, p.143) afirmam que

é pela Semiótica que se consegue adentrar no interior de qualquer imagem e desvendar, interpretar e traduzir possíveis mensagens. Ela é uma ciência que dá

significação a todos os tipos de signos, inclusive, sua metodologia pode ser aplicada em qualquer linguagem midiática, desde a oralidade até a comunicação por rede de computadores.

A edição do dia 20 de agosto da revista *Veja* tem como capa (figura 1) o candidato Eduardo Campos e a frase que ele disse, na noite anterior, em entrevista ao *Jornal Nacional*: “Não vamos desistir do Brasil” que virou mote, após sua morte, da campanha do PSB.



Figura 1: Revista *Veja*, 20 de agosto

Na capa, a imagem de Eduardo Campos parece uma pintura. Suas rugas são destacadas para mostrar um semblante sério e que impõe respeito; o seu olhar está direcionado para o horizonte, dando um aspecto de santidade. Ele seria o “Sebastião” que todos os brasileiros esperavam que os salvassem e que, em situação alguma, desistiria do Brasil.

Na reportagem sobre este assunto, as fotografias transmitem a ideia de que ele ainda está vivo e que, possivelmente, passará essa vivacidade para a vice Marina Silva. Para compor esse cenário, há três imagens (figura 2): a primeira mostra o candidato em um



comício, apertando as mãos dos seus eleitores e sendo bem recebido por eles; a segunda mostra Campos com sua família em um momento de descontração e intimidade; na última, Eduardo aparece com o seu avô materno, Miguel Arraes, no Congresso Nacional.



Figura 2: Na sequência, Eduardo Campos no comício, com a família e com o avô, Miguel Arraes

Em toda a campanha e até mesmo após a sua morte, a família foi um argumento muito utilizado; primeiro para dizer que Campos foi um bom pai e um marido exemplar, portanto isto simboliza que ele teria condições para comandar, com pulso, o Brasil; por outro lado este aspecto também é utilizado para fazer a relação do ex-governador de Pernambuco com o seu avô que foi importante para a política daquele estado. Implicitamente, demonstra que ambos, avô e neto, possuíam as mesmas características e o mesmo modo de governar. Assim, Eduardo Campos esperava ganhar apoio e voto dos eleitores que confiavam em Miguel Arraes.

Cada elemento na fotografia tem sua simbologia. Não somente o conjunto forma a sua simbologia, mas cada elemento tem sua própria competência simbólica. Cada peça tem um poder de produzir um significado. Tem o poder de criar um espaço, de criar uma narrativa visual (CHIACHIRI, 2008, p.45).

Na página seguinte, aparece uma imagem de Marina Silva dentro de um carro com as janelas fechadas e com gotas de chuva no vidro (figura 3). O fotógrafo conseguiu, em uma única imagem, trazer várias referências ao mesmo tempo: o dia do acidente estava nublado e chuvoso; a tragédia fornece para as gotas de chuva a ideia de lágrimas; e o fato do vidro parecer embaçado se refere também ao futuro incerto de Marina no PSB, já que ela teria que abrir mão da criação do seu partido e aceitar as alianças políticas feitas por Eduardo Campos.

Todas as artimanhas lançadas pelo fotógrafo na montagem do objeto a ser fotografado constituem um caminho criador de linguagens e um envolvimento profundo do fotógrafo para tentar aproximar o expectador de uma realidade que quer mostrar. É compor a foto antes do clique final (CHIACHIRI, 2008, p.25).

A revista coloca como legenda “Futuro nebuloso – Marina Silva: o próximo fenômeno eleitoral? ”A revista faz um trocadilho entre o tempo, exposto na fotografia, e a nova fase de Marina Silva, questionando a sua permanência na disputa eleitoral. Na reportagem que acompanha e justifica essa imagem, mostra que ao ser questionada sobre a sua candidatura à presidência, “a resposta da senadora veio no seu melhor estilo melancólico-visionário-messiânico: o momento exige recolhimento e serenidade para tomar a decisão que melhor preserve o legado de Eduardo.” Nestas características dadas ao estilo de Marina, nota-se uma leve ironia, tem como base o seu jeito tido como recatado e discreto e, principalmente ao fato de ela ser evangélica.



**Figura 3: Marina Silva**

Nesta mesma edição, Veja coloca uma imagem (figura 4) de Dilma Rousseff e outra de Aécio Neves, principais adversários de Eduardo Campos e agora de Marina Silva para o cargo de presidente. As faces de ambos são indícios de seus estados e sentimentos:



**Figura 4: Dilma e Aécio na Revista Veja**

Dilma aparece com a expressão de insatisfação com os rumos que as eleições tomaram a partir do trágico acidente, já que, antes do ocorrido, tudo indicava que ela venceria as eleições no primeiro turno. No entanto, com as mudanças de cenário, havia grande possibilidade de Marina levar a disputa para o dia 26 de outubro. Já Aécio Neves aparece com um semblante confuso que é justificado quando o texto explica que, para o ex-governador de Minas Gerais, a candidatura de Marina Silva teve um lado positivo, pois haveria segundo turno; e um lado negativo, porque, possivelmente, ele não faria parte deste segundo turno – essa possibilidade não se concretizou.

Partindo para a revista Carta Capital, nota-se que a capa (figura 5) é semelhante à da revista Veja; aliás, as capas das principais revistas na semana após a morte de Eduardo Campos foram parecidas: todas mostraram uma imagem santificada do candidato à presidência. A Carta Capital mostra Eduardo Campos como homem cuja família tem uma grande importância em sua vida e suas decisões. Assim como a revista da Editora Abril, Carta traz fotos de Campos com a família e com o seu avô (figura 6), explorando a tradição política que o sobrenome Arraes tem em Pernambuco. É importante ressaltar que a imagem de “pai de família” é o símbolo da base e da responsabilidade de um homem, sendo usada como justificativa para que Eduardo Campos se torne presidente de um país.



Figura 5: Eduardo Campos na Carta Capital



Figura 6: Eduardo Campos em família e com o avô e padrinho político

Por outro lado, Carta Capital coloca o candidato à presidência com uma vida política influente e que envolvia opositores: Aécio Neves e Lula (figura 7). O próprio título da matéria, “A morte de um líder”, já traz implícito a importância política do neto de Miguel Arraes e o futuro promissor que ele teria no Brasil.



Figura 7: Eduardo Campos com Aécio e Lula, respectivamente



Na foto com Aécio Neves, por ambos estarem em uma situação amistosa, fica nítida a amizade existente entre eles. No texto, o jornalista diz que os dois eram próximos, independentes das visões programáticas e de mundo distintas, que nos últimos meses, não se mostraram tão distintas quanto se imaginava. Ou seja, a nova política que Eduardo Campos pretendia fazer, em muitos aspectos não era tão nova, haja vista a ligação de Campos com Aécio Neves.

A imagem com o ex-presidente Lula lembra que Eduardo teve um papel importante nesses anos de PT no governo e que ele abandonou o Partido dos Trabalhadores para ser adversário de Dilma Rousseff em 2014.

A revista de Mino Carta mostra fotografias do lugar onde o avião caiu (figura 8) e, ao longo da reportagem, o acidente é explicado assim como as implicações políticas que ele desencadeou. Estas imagens servem para sensibilizar o leitor e dar veracidade e importância ao fato exposto, já que na semana do acidente, a capa da revista era sobre o seu aniversário de 20 anos. Rapidamente, após o ocorrido, a revista passou a ter duas capas, sendo a principal referente ao acidente de Eduardo Campos.



**Figura 8: Fotos do local do acidente**

Para finalizar, há uma fotografia de Marina Silva (figura 9) com os seguintes dizeres: “Marina, a incógnita – Sucessão: o acerto da ex-ministra e do PSB não será fácil”. Essa frase expõe fatos importantes sobre o posicionamento e a vida política de Marina Silva: antes da vice de Eduardo Campos aceitar este cargo, ela tinha tentado criar o seu próprio “partido”, mas como não foi possível, ficou acertado, entre ambos, que ela aceitaria a proposta com a condição de sair do PSB assim que o Rede fosse criado. No entanto, para ser candidata à presidenta, Marina Silva teria que desistir desse plano e aceitar todas as alianças feitas pelo PSB, por isso que a revista diz que Marina é uma incógnita,

já que ela teria que abandonar princípios e planos para aceitar essa nova empreitada. É importante ressaltar que nesta frase também cita que Marina Silva foi ministra na época de Lula – fato que muitas vezes é esquecido.

Na imagem que acompanha essa frase, Marina Silva está com o olhar para cima, como se estivesse olhando para o céu. Há duas possíveis interpretações: ou Marina está pedindo a Deus – sempre é bom lembrar que ela é evangélica – força e ânimo para vencer esse novo desafio e conseguir superar as suas divergências com o PSB ou ela está agradecendo, já que, mesmo depois de uma tragédia como essa, ela teve uma ampla visibilidade e uma grande oportunidade política, fatores que podem dar a ela a chance de disputar o segundo turno e, quem sabe, chegar ao maior posto político de um país presidencialista.



Figura 9: “Marina, a incógnita – Sucessão”

### Considerações Finais

O intuito deste artigo foi o de mostrar, por meio da semiótica peirciana, como as revistas Carta Capital e Veja lidaram com a morte de Eduardo Campos e com as repercussões desse fato no período de campanha eleitoral para presidente.

Pode-se notar que a revista Veja mostrou o lado familiar de Eduardo Campos e as implicações políticas que a sua morte trouxe para o cenário eleitoral de 2014. Foi enfatizado, por meio das fotografias de Dilma Rousseff e Aécio Neves, que ambos foram prejudicados politicamente com este acontecimento.

Já a revista Carta Capital expôs vários âmbitos que envolvem a vida de Eduardo Campos: o acidente trágico, sua convivência familiar, a semelhança de sua trajetória

com a de Miguel Arraes, sua importância política e sua relação com partidos adversários. Esta revista destacou também as concessões que Marina Silva teria que fazer ao substituir Campos na disputa pela presidência.

## Referências

- CHIACHIRI, Roberto. **O sabor das imagens**. Tese de Doutorado – PUC, São Paulo, 2008.
- CUNHA, Maria Luciana Garcia. **Uma análise da semiótica peirciana, aplicada ao anúncio da Associação Desportiva para Deficientes**. Disponível em: <[http://www.usp.br/anagrama/Garcia\\_Pierce.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Garcia_Pierce.pdf)> Acesso em: 07 set. de 2014.
- MOTTA, Luiz. **Notícias do Fantástico**. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 4a. ed., São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- SANTOS, Eliana Cristina Pereira. **Imagético e discursivo: uma análise da capa da revista Nova Escola**. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao11/artigo07.pdf>> Acesso em: 07 set. de 2014.
- VIEIRA, Mário Braga Magalhães Hubner. **Como a Revista Veja Retrata Hugo Chávez**. Disponível em: <[http://www.petfacom.ufjf.br/wordpress/arquivos/artigos/Como\\_a\\_Revista\\_Veja\\_Retrata\\_Hugo\\_Chavez.pdf](http://www.petfacom.ufjf.br/wordpress/arquivos/artigos/Como_a_Revista_Veja_Retrata_Hugo_Chavez.pdf)> Acesso em: 19 ago. 2014.